



Matemáticas Negras: desnaturalizando violências

Ana Beatriz dos Santos Vera¹
Thays Alves de Oliveira²
João Ricardo Viola dos Santos³

Resumo: No presente ensaio apresentamos discussões frente às (des)naturalizações de violências vividas e experienciadas em processos de formações em (Educação) Matemática. A marginalidade desta escrita emerge das problemáticas: que se produz quando *uma* negra doutoranda em Educação Matemática, se afeta com uma pesquisa finalizada de Iniciação Científica de *uma* graduanda negra, em um curso noturno de Licenciatura em Matemática? Que se produz quando *uma* graduanda negra em um curso noturno de Licenciatura em Matemática, se afeta com uma pesquisa de doutorado, em construção, de *uma* negra doutoranda, em Educação Matemática? Ficar pelos entres destas indagações, nos coloca em movimento para fraturar e faiscar o que está naturalizado. Nos afetamos com o que vivemos e experienciamos, para sentir e explicitar o que nos escapa quando desenvolvemos pesquisas em *uma* educação matemática. Narrativas e afetos são discutidos e experienciados ao longo do ensaio, a partir de movimentos de desnaturalização de violências que emergiram do/no encontro de duas matemáticas negras. Torcer diante e a partir do que acontece, neste caso a (des)naturalização de violências, em agenciamentos que inventam relacionaisidades outras, pode ser uma travessia de *uma* educação matemática inclusiva plural, inventiva e problematizadora de questões de raça, classe, gênero, território. *Uma* educação matemática que se desloca a pensar as desigualdades, como a *desigualdade temporal*, na formação de professoras (negras) de Matemática.

Palavras-chave: Vivências; Afetações; Encontro entre/de mulheres negras; Educação Matemática.

Preambulando uma escrita...

Descrição da Foto-Escrita: a Foto-Escrita apresenta o interior de um espaço acadêmico, um bloco de uma universidade. O ambiente é iluminado por luzes fluorescentes no teto, paredes com tijolos aparentes, tem piso em uma cerâmica marrom claro e com piso tátil nas cores amarela e azul, para orientação de acessibilidade. No centro, há uma estrutura metálica com escadas e elevador que levam a um nível superior. Em frente as escadas, duas mulheres (acadêmicas) negras estão paradas conversando - uma com cabelo cacheado/crepo solto na cor vermelha, de tênis da Nike nas cores preto e branco, calça de moletom clara e uma regata preta; e a outra com cabelo cacheado/crepo solto na cor preta, de sandália rasteira rosa, calça jeans preta e uma blusa branca listrada de preto com algumas zebras bordadas. Ao redor delas, várias outras pessoas caminham em diferentes direções, algumas carregando bolsas ou mochilas. O ambiente transmite movimento e rotina cotidiana de deslocamento de acadêmicas(os) pelo campus. Descrição realizada com auxílio de IA, revisada pelas autoras.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ana.vera@ufms.br.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, thays.alves@ufms.br.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, joão.santos@ufms.br.



Que pode uma foto-escrita? Que ela produz? Que fica de uma foto-leitura? Quais violências são (des)naturalizadas? Quais exclusões são hierarquizadas? Para alguns, uma simples foto do cotidiano acadêmico. Para outros, um bate-papo entre amigas durante um intervalo entre aulas. Para nós, um movimento para explicitar a (in)capacidade de cosmoperceber desigualdades.

Que acontece quando duas mulheres negras, uma em processo de doutoramento e a outra se graduando, se encontram em suas pesquisas? Que emergem? Que afetos rompem? Que pesquisas surgem? Que conexões acontecem? Quais diálogos são produzidos? Quais são excluídos? O que escapa? O que fratura? O que fica dessas confluências?



Que se produz quando *uma* negra doutoranda em Educação Matemática, ainda em processo, se afeta com uma pesquisa de Iniciação Científica, finalizada, de *uma* graduanda negra, em um curso noturno de Licenciatura em Matemática? Que se produz quando *uma* graduanda negra em um curso noturno de Licenciatura em Matemática, se afeta com uma pesquisa de doutorado de *uma* negra doutoranda, em Educação Matemática?

Afetações de duas vidas-pesquisas em desenvolvimento...

A sensação de não pertencimento era constante e *nos* machucava, ainda que *nós* jamais *comentássemos* a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, *começamos* a despertar para o entendimento. *Compreendemos* que existia uma máscara calando não só *no*ssa voz, mas *no*ssa existência.

Ribeiro, Quem tem medo do Feminismo Negro?, 2018.

Thays, é *uma* negra mulher que está vivenciando e experienciando um curso de doutorado em Educação Matemática. *Uma* negra mulher que passa a se perceber nesse espaço durante a sua graduação em Licenciatura em Matemática. *Uma* negra mulher que na sua infância, e durante a sua Educação Básica e um pouco do Ensino Superior, teve que se mascarar para sobreviver e ter a sensação de existência. Thays, se apoiou na Matemática para que “não percebesse” o racismo que sofria em sala de aula. Ela precisou se afastar da sua negritude para se tornar, e ser vista como, uma menina boa em Matemática. Ela precisou performar uma certa normatividade branca, pois consentindo com Djamila Ribeiro (2019, p. 24) “o mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido”, e ela desejava, de maneira compulsória, pertencer a esse mundo.

Em meio ao seu processo de (auto)descobrimento e (auto)aceitação da sua identidade, enquanto *uma* negra mulher, ela se coloca em ~~desenvolvimentos~~ com questões raciais para se afetar, viver e experienciar *uma* negritude. Thays, se coloca a pensar e problematizar sobre seus movimentos, enquanto *uma* negra mulher, em seus diferentes espaços de formação, durante seu ~~desenvolvimento~~ no doutorado. Ou seja, Thays, se deixa atravessar e afetar por uma pesquisa de



doutorado que tem por entrelaçamento investigar movimentos e cenários nos quais *uma* doutoranda em *uma* educação matemática acontece em territorialidades e tensões de *uma* negra mulher.

Uma pesquisa em desenvolvimento com devires, movimentos, rasuras, fissuras, vazios, fraturas, fracassos, afetos, incertezas, desobediências, confluências, onde *uma* identidade negra são efeitos dessas discussões para desdobramentos de *uma* tese outra. Uma proposta de avesso de pesquisa. Um compor com a tese. Um compor com tese. Um com(por) tese.

Que se produz quando *uma* negra doutoranda em Educação Matemática, se afeta com uma pesquisa finalizada de Iniciação Científica de *uma* graduanda negra, em um curso noturno de Licenciatura em Matemática?

Ana, é *uma* mulher negra, com o cabelo cacheado vermelho, que está se afetando com um curso de graduação em Licenciatura em Matemática noturno. *Uma* mulher negra que por meio dos processos vividos durante sua Iniciação Científica (finalizada) – e com as percepções outras sobre certas violências, como o racismo e a desigualdade econômica, que sempre estiveram presentes (de maneira explícita ou implícita) em sua vida – pôde compreender e se colocar em movimento para pensar e discutir situações que, até então, para ela também eram normalizadas e passavam despercebidas. Ana se aventura, ainda, em habitar territórios de desnaturalizações. Foi se colocando em constante questionamentos que Ana notou que “a maioria dos negros brasileiros precisa aprender a ser negro no percurso de suas vidas” (Ribeiro, 2019, p. 30). Que o problema não é a cor da pele, mas sim, como a sociedade faz uso disso para fundamentar um sistema segregador.

O processo de desenvolvimento da Iniciação Científica da Ana foi, para ela, um movimento de romper com barreiras que a impediam de cosmoperceber as violências à sua volta, e consigo. Ao longo da sua pesquisa, finalizada, Ana foi colocada a pensar e problematizar falas e situações vivenciadas por ela no cotidiano acadêmico. Como por exemplo: uma discussão que aconteceu no seu



grupo de pesquisa que envolvia fala de um professor que deduziu que um comentário feito durante a avaliação institucional havia sido escrito por uma mulher apenas pelo tom do conteúdo escrito. Ou ainda, em uma outra reunião, em que Ana compartilhou que não sentia-se ouvida pelas colegas de graduação quando discutia conteúdos matemáticos, por ser uma mulher e por ser negra. Por ser *uma* mulher negra.

Vivências, como as citadas acima, são apenas algumas que afetaram a Ana durante sua pesquisa-vida. E que, de alguma forma, ajudaram-na não somente a compreender certas violências vivenciadas e naturalizadas, mas que também auxiliou-a se entender enquanto *uma* mulher negra nos espaços em que ocupa. Narrativas como essas corroboram com bell hooks (2020), quando ela diz que, quando nascemos, dois fatores afetam nossas experiências: ter nascido negra e ter nascido mulher. E discursos, como esses, (re)afirmam a importância, e a necessidade, de questionar, a todo momento, as violências naturalizadas, almejando desnaturalizá-las.

Que se produz quando *uma* graduanda negra em um curso noturno de Licenciatura em Matemática, se afeta com uma pesquisa de doutorado, em construção, de *uma* negra doutoranda, em Educação Matemática?

Confluências de pesquisas-vidas...

Quando começaram a conversar sobre produzir um texto em conjunto, Ana e Thays, não faziam ideia do que poderiam construir juntas. As incertezas e inseguranças fizeram parte desse processo: Thays, estava imersa demais no seu doutoramento e se sentia incapaz de produzir diálogos entre sua pesquisa e a de Ana; em contrapartida Ana, estava um tempo afastada do que tinha desenvolvido durante a sua Iniciação Científica. Que pode confluenciar dessas pesquisas-vidas?

Ana produziu uma pesquisa de Iniciação que tinha por objetivo mapear como as Desigualdades Econômicas impactam a formação inicial de professoras(es) de Matemática. Foi elaborado um formulário, via *Google Forms*, e disponibilizado aos estudantes do segundo ano do curso de Licenciatura em Matemática, do período



noturno, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Ana obteve a participação de 20 estudantes e se utilizou do Modelo dos Campos Semânticos (MCS) (Lins, 1999), mais especificamente da Leitura Plausível, para esmiuçar as respostas das(os) licenciandas(os).

Por meio da Leitura Plausível, Ana percebeu que a Desigualdade Econômica impacta na vida das(os) licenciandas(os) de maneiras diversas, como no: trabalho, transporte, tempo de deslocamento, alimentação, insegurança, qualidade de estudo e de sono, cansaço e dificuldades financeiras, além de uma naturalização desses processos por parte das(os) licenciandas(os), ao não perceberem o contexto de desigualdade ao qual estão inseridos.

Sendo assim, neste ensaio, Thays, se coloca a problematizar naturalizações de violências, por meio de uma análise realizada por Ana enquanto finalizava sua Iniciação Científica. Que *uma* negra doutoranda pode produzir quando se coloca em conversa com uma pesquisa finalizada? Que Thays rompe quando se coloca nesse movimento de fricções?

Para encerrar este ensaio, mas não as conversas e confluências entre elas, Ana narra sobre o seu envolvimento com a pesquisa de Thays. Como foi, para ela, deixar-se afetar com os movimentos de doutoramento de *uma* negra mulher? Que pode ser dito quando vidas-pesquisas de matemáticas negras acontecem em relacionalidades e afetações outras?

Diante deste breve cenário apresentado, uma narrativa acontece no encontro entre duas matemáticas negras – *uma* negra doutoranda em Educação Matemática e outra licencianda negra em Matemática – nos espaços e corredores do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (INMA/UFMS). Nos encontros e nas histórias, um centro de discussão acontece: a naturalização de violências.

Naturalização de Violências...

Como você cosmopercebe as violências cometidas pelas desigualdades em um curso de Licenciatura em Matemática? Esse foi o pontapé para o início das



discussões entre Ana e Thays. Uma resposta direta: *“percebemos e vivenciamos em processos de naturalização”*. O sistema social que vivemos fundamenta as manutenções, invenções e retroalimentações de processos de naturalização. Essas foram algumas conclusões que emergiram quando elas se colocaram a afetar com as violências vivenciadas no espaço acadêmico.

Um efeito destes encontros, de *uma* Thays e *uma* Ana, é a explicitação da naturalização de violências que é praticada sobre suas(es) corpos(os) e de outras(os) colegas dos cursos. Praticada por agentes, pelas materialidades, discursos que constituem uma territorialidade chamada Instituto de Matemática.

As conversas entre elas nos corredores da universidade, as orientações com o professor Viola, e as discussões do grupo de pesquisa, as fizeram notar que afetos e afetações poderiam ser pensadas/produzidas quando elas se colocassem em diálogos. Durante uma reunião do grupo ao qual participam, Ana foi questionada pelo professor Viola: *“O que mais te afetou durante o processo da sua Iniciação Científica?”*. E Ana respondeu: *“Perceber que as pessoas que mais são afetadas pelas desigualdades econômicas, não se compreendiam nesse espaço...”*.

Com esse questionamento “inocente” do professor Viola, elas se colocaram a problematizar algumas das naturalizações de violências que apareceram em seus processos de pesquisas-vidas.

Estudantes não perceb(iam)em as violências que demarcavam suas vivências...

Ao serem questionadas, sobre processos de naturalização, fizeram com que Thays e Ana comesçassem a indagar sobre a manutenção da marginalidade de certas(os) corpos(os). Por que sujeitas(os) subalternizadas(os) não percebem/perceberam as violências que perpassam suas vivências? O que gera esse apagamento e esse silenciamento? Parece certo para elas afirmar que a Colonialidade é um dos fundamentos para essa (im)percepção.

Pode-se dizer que a Colonialidade é um dos meios para se construir na subjetividades de certas(os) corpos(os) a sensação/sentimento de inferioridade. Ou seja, a Colonialidade, na percepção de ambas, é um modo de construir no



colonizado o sentido de subalternidade. O que faz com que acreditem que esse processo, constituinte da nossa estrutura social, sirva de ferramenta para uma certa dominação de um horizonte cultural. Aquele horizonte que te faz perceber as interpolações das crises sociais que cercam e definem determinados corpos, e neste caso corpos negras.

Aníbal Quijano (2019) dá o nome de *Colonialidade do Poder* a esses processos, e o descreve como um legado persistente do Colonialismo Europeu, como estruturas de dominação colonial que continuam a organizar de modo hierarquizado as demandas raciais, sociais e econômicas nas sociedades dependentes contemporâneas, como o Brasil, mantendo as desigualdades estruturais. Ou seja,

[...] a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal (Quijano, 2010, p. 76).

Apesar de não utilizar o termo Colonialidade, Clóvis Moura (2019) apresenta discussões que vão na direção de Aníbal Quijano (2010). Ele vai discorrer que o projeto de Brasil, que já se encontra bem fundamentado e ramificado, é o da super exploração das(os) corpos(os) negras(os). Com isso, o sistema imprime um sentimento de inferioridade que o mantém em constante lugar de subalternidade. Coloca em prática um trabalho ideológico bem feito que atualiza e moderniza essa estrutura, de modo que o Brasil permaneça dependente da(o) corpa(o) negra(o). Essa manutenção (re)afirma discursos como: “[...] não existe racismo no Brasil porque o negro conhece o *seu lugar*” (Gonzalez, 2020, p. 170).

Sendo assim, a Colonialidade impõe uma história universal. Hierarquizando e impondo uma cultura sobre a outra, de modo que as(os) sujeitas(os) marginalizadas(as) se sintam culpadas(os) por se manterem neste lugar.

Quando Ana afirma, que ao perceber que as pessoas que estão mais vulneráveis em um curso de Licenciatura em Matemática noturno, não notam essa



marginalização, ela está dizendo que essa (im)percepção reitera as estruturas de desigualdades presentes naquele espaço. Pois, (re)afirma a necessidade que temos de ter as mesmas condições que o outro. Consequentemente, Ana corrobora com as discussões de Moriya (2024, p. 10) quando ela diz que a “desigualdade econômica (sempre em acontecimentos plurais, em diferentes intensidades e, infelizmente, muitas vezes despercebidas por certos humanos)”, deve ser um assunto ao qual devemos nos preocupar, lutar e se importar, pois fundamenta o sistema que vivemos.

Diante disso, ao dizer que algumas(ns) das(os) estudantes negras(os) que responderam o formulário não percebem/perceberam as violências que as(os) acometem, nos espaços em que habitam, pode ser pensada como uma violência invisível. Pois, acabamos por culpabilizar essas(es) sujeitas(os) por esse lugar que lhes são acometido pela estrutura que tem como compromisso, a manutenção de negras(os) a margem.

O colonialismo, o patriarcado, o racismo – e os demais “ismos” – e suas variações dependentes desta estrutura, produzem condições para estudantes marginalizadas(os), classizadas(os), racializadas(os), sexualizadas(os), generificadas(os), de não estarem no horizonte cultural delas(es), de não se verem afetadas(os) por processos violentos de subalternização e naturalização.

A maioria das(os) estudantes sofrem uma certa Desigualdade Temporal...

Thays, enquanto *uma* negra doutoranda que investiga seus processos, entende as (im)percepções como uma armadura para se tornar pertencente a um determinado espaço, como o acadêmico. Ela narra que essa maneira de tornar-se crítica as experiências experienciadas é um caminho doloroso e em certo sentido inevitável. Pois, quanto mais cosmopercebe as violências, mais perigoso é - como se o processo de colonização estivesse se fundamentando e ramificando novamente, e em específico no curso noturno de Licenciatura em Matemática.

Existe uma certa naturalização e/ou conformidade em relação a estes processos vivenciados por estudantes do curso noturno de Licenciatura em



Matemática da UFMS, pois quando perguntadas(os), por meio do formulário disponibilizado pela Ana, como vivenciavam ou enxergavam as desigualdades no curso, afirmavam não enxergar ou tratavam de modo negligente ou como algo natural. Ou seja, mesmo que interfira no contexto das(os) estudantes, por vezes este processo é naturalizado, como em uma fala de uma licencianda em matemática, do período noturno, que participou da pesquisa de Ana:

*“É um curso que a maioria das pessoas podem cursar, pois não necessita de nenhum recurso material tanto quanto outros cursos, porém há uma **desigualdade temporal**, provocada pela desigualdade econômica. É um curso que exige muito tempo de estudo, que a maioria das pessoas não consegue cumprir, pois precisam trabalhar para sobreviver...”*

Ana coloca que essa narrativa explicita que uma estrutura de desigualdades e violências estão enraizadas não somente em um curso de Licenciatura em Matemática noturno, mas também nas pessoas que vivenciam esses contextos ao adotarem uma postura de “aceitação”. Licenciandas(os) encaram a necessidade de trabalhar, e com isso os demais desafios decorrentes dessa realidade, como a falta de tempo para se dedicarem aos estudos ou realizar atividades extracurriculares, se fazem presentes na sua formação. O que acarreta violências (in)visíveis.

O termo mencionado pela colega de Ana – “*desigualdade temporal*” – é um processo que demarca a falsa sensação de inclusão vivida pelas(os) estudantes em contexto de violências, pois de modo silencioso esta estrutura realiza uma manutenção das exclusões pelas (im)percepções.

A falta de tempo para se dedicar as atividades obrigatórias e extras do curso, devido variadas necessidades, gera uma *desigualdade temporal* em relação àquelas que se privilegiam do tempo para se dedicar exclusivamente ao processo de formação. A *desigualdade temporal* decorre da realidade vivenciada pelas(os) licenciandas(os) que precisam trabalhar e não tem tempo suficiente e adequado para se dedicar aos estudos e obrigações do curso. Ou seja, sintetiza os atravessamentos vivenciados pelas(os) licenciandas(os) em Matemática que são afetadas(os) pelas desigualdades sociais, em específico a econômica. Com isso, a *desigualdade temporal* se caracteriza como essa falta de tempo que



licenciandas(os) de um curso noturno de Matemática enfrentam quando se encontram em situações de desigualdades econômicas.

O que o sistema estrutural em que vivemos almeja é a manutenção das(os) excluídas(os), marginalizadas(os) e subalternizadas(os). A estratégia narrativa com essas (im)percepções é colocar em questão a impossibilidade de questionar essa estrutura que conhecemos.

Vale ressaltar que a naturalização de violências não é algo apenas dos corredores de Licenciaturas em Matemática. Essas sistematizações sociais perpassam e se embrenham em todos os espaços em que frequentamos e nos deixamos afetar. São espaços-tempos-matérias que se findam por meio de processos de colonização que emergem e ganham força até os dias de hoje.

Essas piadas não têm graça, são violências naturalizadas...

Naturalizamos piadas e chacotas preconceituosas, como se elas não pudessem gerar e propagar uma gama de violências que deixam marcas em determinadas(os) copas(os). Findamos de uma sociedade, que por muito tempo, fez – e ainda faz – o uso das sátiras para estigmatizar e estereotipar o comportamento de certas(os) corpas(os). Quem nunca gargalhou ao assistir o racismo acometido ao personagem Mussum, no programa humorístico da televisão brasileira “Os Trapalhões”?

O que sabemos é que a grande mídia utiliza-se do “humor” para legitimar discursos e práticas opressoras, se escondendo por trás do riso. Em seu livro, *Quem tem medo do Feminismo Negro?*, Djamila Ribeiro afirma que “o humor será mais um espaço onde esses discursos [preconceituosos] são reproduzidos. Não há nada de neutro – ao contrário, há uma imposição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões” (2018, p. 29). Sendo assim, é preciso compreender que o humor não é, e nem está, isento na nossa sociedade colonizada(ora).

De acordo com Sá (2023) o humor, em específico as piadas, podem ser uma ferramenta para a (re)produção de estereótipos que



ridicularizam/humilham/oprimem a população negra, mas não somente ela. As piadas não são discursos inocentes, mas sim, veículos da ideologia racista que buscam acentuar e afirmar as diferenças sociais impostas entre negras(os) e brancas(os), corroborando para a dominação branca. Piadas como,

[...] *“Preto quando não suja na entrada, suja na saída.”; “Por que o preto fede? Pra cego também ter preconceito.”; “Por que o Kinder Ovo é preto por fora e branco por dentro? Porque se fosse preto por dentro ele roubava o brinquedinho.”; “Por que preto gosta de boxe? Porque tem um assalto a cada três minutos.”; “Por que preto não erra? Porque errar é humano.”* [...] (Sá, 2023, p. 13-17).

explicitam a isenção da dita inocência apresentada nas piadas. Sá (2023) explicita que as piadas carregam marginalizações e contribuem para a perpetuação de opressões.

[...] não existe inocência no riso racista, o que há, é o riso da insensibilidade, um riso de brancos, que persistem em alegar sua superioridade. “Por meio das piadas, o racismo adquire formas, às vezes, mais sutis e refinadas, mas igualmente depreciativas e prejudiciais aos cidadãos de pele negra” (Freitas, 2007, p. 25 *apud* Sá, 2023, p. 10).

Adilson Moreira (2019) apresenta uma discussão parecida, mas explicita as piadas como um subconjunto que faz parte do todo denominado *Racismo Recreativo*. E o conceitua como uma política cultural, pois o racismo recreativo é utilizado para justificar hierarquias sociais.

Pensamos que o racismo recreativo é uma política cultural característica de uma sociedade que formulou uma narrativa específica sobre relações raciais entre negros e brancos: a transcendência racial. Esse discurso permite que pessoas brancas possam utilizar o humor para expressar sua hostilidade por minorias raciais e ainda assim afirmar que elas não são racistas, reproduzindo então a noção de que construímos uma moralidade pública baseada na cordialidade racial. Esse projeto de dominação racial expressa a aversão que brancos sentem em relação a negros, mas permite que eles ainda assim apareçam como pessoas comprometidas com a igualdade. Dessa forma, o caráter aversivo e o caráter simbólico do racismo recreativo operam paralelamente para referendar uma ordem política que cria mecanismos culturais e legais para impedir a mobilização política em torno da questão racial (Moreira, 2019, p. 63).

Quando Thays apresenta a naturalização das piadas e chacotas, ela está sinalizando, explicitando e solicitando, que cada leitora e leitor deste ensaio,



lembre-se, de maneira triste e amarga, quantas vezes sorriram e/ou ficaram em silêncio, diante de uma piada e/ou chacota racista.

Um cartaz propaga apagamentos?

Naturalizações em torno de pagamentos e silenciamentos, também ocorrem no campo da Matemática. Por exemplo, em outra cena dos corredores da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Thays, se deparou com um cartaz. Mas, não um simples cartaz. Um que explicitava a hegemonia branca e masculina, quando pensamos nos produtores de conhecimentos matemáticos.

No cartaz Thays aponta que aparecem matemáticos como: Euler; Einstein; Fermat; Riemann; Zenão; Muhammad Al-Khwarizmi; Poincaré; Lorenz; Newton; Leibniz; Pascal; Euclides; assim como os Teoremas; Códigos; Revoluções; Descobertas; Curiosidades; Conquistas; Impactos; Nascimento; Soluções; Novos Paradoxos; que aparecem sempre que mencionamos e invocamos esses homens.

Para ela o cartaz explicita o eurocentrismo e a hegemonia da masculinidade branca na Matemática. Ele define quais conhecimentos e discursos podem ser mencionados e quais corpos(os) podem dizê-los, o que faz com que validem enquanto produção intelectual.

O que o cartaz faz é assumir construções ocidentais como universais, o que faz com que acarrete o apagamento e silenciamento de múltiplas culturas, como a africana por exemplo. Todos as(os) corpos(os) que se diferem do ocidente não podem produzir conhecimento matemático, é isso que o cartaz explicita. Ele, o cartaz, é para a Thays uma materialidade da naturalização de violências e afirma que homens brancos do Norte Global não foram, e não serão, excluídos. E sim, que eles continuam, e continuaram, definindo os termos e os discursos que estruturam toda a sociedade que vivenciamos hoje.

Ou seja, o cartaz é a promoção de uma

[...] desvalorização. Uma narrativa não contada. Temos uma história única ou uma única versão da história? O que temos é a manutenção do



discurso hegemônico cisheteropatriarcal. Mergulhar em processos para resgatar as nossas experiências e vivências para que não as tornem mercadorias. Mas, o que questionar? O eurocentrismo e o colonialismo na construção do conhecimento matemático (Oliveira; Moriya; Bedoia, 2025, p. 4).

Em outras palavras, a desvalorização, a naturalização das violências se fundamenta por meio de um sistema que se afirma por meio das desigualdades. Essa falta de “sensibilidade” para cosmoperceber o que vivemos, e o mundo em que vivemos, faz parte de uma estratégia colonialista que nos oferece migalhas de pertencimento.

O que fica do emaranhado das vidas-pesquisas e das pesquisas-vidas?

Assim, desigualdades econômicas e questões raciais que constituem e atravessam processos de formação de professores(as) produzem violências e exclusões, infelizmente naturalizadas e acomodadas nas narrativas, as quais são movimentadas nos corredores de institutos e departamentos de Matemática. *“Sabe aquele aluno, aquele que sempre chegava do trabalho cansado, que às vezes dormia nas aulas e sempre tinha que sair mais cedo no último tempo para pegar o ônibus, infelizmente teve que optar por trabalhar ao invés de continuar o curso de Licenciatura”.* *“Sabe esse aluno, como muitos outros nessa mesma situação, por vezes ele também é um aluno negro”* (Moriya; Oliveira; Viola dos Santos, 2024, p. 17).

Ana, narra que os afetos que emergiram dos/nos encontros foram demasiadamente significativos para ela, pois quando se abriu para problematizar (des)naturalizações de violências, pode cosmoperceber que também estava retroalimentando processos de naturalização. Então, esse movimento levou Ana a notar, em uma outra perspectiva, a sua representatividade enquanto *uma* mulher negra que pertence ao Instituto de Matemática da UFMS. E que diariamente, de forma explícita ou não, vivência violências que a afetam por ser a pessoa que é – *uma* matemática negra.

Mesmo que Ana já vinha discutindo um pouco sobre (des)naturalizações de violências, relacionadas às Desigualdades Econômicas na Iniciação Científica, quando as intersecções entre as pesquisas-vidas aconteceram, elas levaram Ana a refletir sobre a sua identidade enquanto *uma* mulher negra.



Ana acredita que as(os) estudantes do curso de Licenciatura em Matemática noturno da UFMS, “entram” em processos de naturalização, justamente por ser violências. Se não houvesse essa naturalização, por parte de quem se encontra em uma situação de desigualdade econômica, não haveria o que discutir e/ou problematizar. Mas, quando Ana se coloca a confluir uma escrita com a Thays, ela busca explicitar que as naturalizações, neste ensaio, converge na direção: *“estudantes estão naturalizando porque é uma violência”* e não no sentido de que *“é uma violência porque estudantes estão naturalizando”*, mesmo que ambos naturalize violências como já dito nas seções acima. Ou seja, o processo é violento porque as pessoas inseridas dentro de uma estrutura social que as afetam, negativamente em suas conquistas, assumem uma postura “conformista” em relação há como as situações são/estão estruturadas, em uma espécie de alienação em relação a esse maquinário social.

Ao experienciar os encontros das pesquisas-vidas, Thays e Ana percebem também os processos de negação das necessidades de discussões sócio-políticas na Educação Matemática; da importância de explicitar que desigualdades econômicas, raciais e de gênero estão presentes, mesmo que camufladas, em todas as aulas de todas as disciplinas de *um* curso noturno de Licenciatura em Matemática e também em *um* curso de Doutorado em Educação Matemática.

Ao longo deste ensaio, as autoras explicitaram algumas das suas desnaturalizações, que confluiu dos encontros e afetos entre duas estudantes negras, e que emergiu em efeitos que caracterizou uma territorialidade, Instituto de Matemática, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Que serviu como um efeito central e agenciado neste ensaio para desnaturalizar algumas violências naturalizadas.

Identificar e explicitar problemáticas que não se resolvem de maneira imediata, é uma tentativa de operar na direção da construção de territorialidades outras: institutos de matemática outros. Operar diante e a partir do que acontece – neste caso a naturalização de violências, em agenciamentos que inventam



relacionalidades outras – pode ser uma travessia de *uma* educação matemática inclusiva plural, inventiva e problematizadora de questões de raça, classe, gênero, território.

Referências

GOLZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, b. **E eu não sou uma mulher?**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa em Educação Matemática**: Concepções e Perspectivas. Rio Claro - SP. Editora UNESP, 1999. p.75 - p.94.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MORIYA, N. M. S. **Desigualdade Econômica e Educação Matemática**: uma leitura plausível de significados e afetos de Licenciandos em Matemática. 2024. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024. ([Link externo](#)) Acesso em 14 de abr. 2026.

MORIYA, N. M. S.; OLIVEIRA, T. A.; VIOLA DOS SANTOS, J. R. Raça e Classe e Classe e Raça: produzindo tensões com uma educação matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 17, n. 48, p. 1-19, dez. 2023. ([Link externo](#)) Acesso em 13 de abr. 2026.

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

OLIVEIRA, T. A.; MORIYA, N. M. S.; BEDOIA, A. O. Problematizações em pesquisas de uma educação matemática: uma foto-escrita-experimentação. In: XIX SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, n. 19, 2025, Campo Grande. **Anais do XIX Seminário Sul-Matogrossense de Pesquisa em Educação Matemática**. Campo Grande: plataforma online, 2025. p. 1-12. ([Link externo](#)) Acesso em 12 de abr. 2026.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 75-117.

QUIJANO, A. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Argentina: Ediciones del Signo, 2019.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÁ, E, F. O Discurso Racista que se (re)produz nas piadas. **Revista ft**, São Paulo, v. 27, n. 125, p. 1-25, ago. 2023. ([Link externo](#)) Acesso em: 10 de abr. 2026.